

# “O capitalismo leva a monopólios”, eles dizem...

[institutoliberal.org.br/blog/teoria-economica/o-capitalismo-leva-a-monopolios-eles-dizem/](http://institutoliberal.org.br/blog/teoria-economica/o-capitalismo-leva-a-monopolios-eles-dizem/)

Rainer Zitelmann

21/07/2023

Em uma pesquisa internacional sobre percepções populares do capitalismo, que encomendei para o livro *Em Defesa do Capitalismo*, uma das principais críticas feitas ao capitalismo foi que ele leva a monopólios. E isso é verdade. O capitalismo pode levar a monopólios. Mas também é verdade que nada destrói monopólios de forma mais eficaz do que o capitalismo. Os monopólios parecem indestrutíveis no auge de seu poder, mas estão longe de ser eternos. Hoje, muitas pessoas acreditam que gigantes como a Amazon e o Google são tão dominantes que só poderiam ser seriamente desafiados pelas políticas antitruste do governo. No entanto, a história nos ensina que os monopólios são muito menos duráveis do que a maioria das pessoas acredita.

A rede social Myspace foi fundada em 2003 e rapidamente ganhou milhões de usuários. Em junho de 2006, o Myspace era o site mais visitado nos EUA, mesmo à frente do Google. Em 2007, o *The Guardian* perguntou: “Será que o Myspace perderá seu monopólio?” No início de 2008, o Myspace tinha uma participação de 74,4% no mercado de redes sociais e, em dezembro de 2008, tinha 75,9 milhões de visitantes somente nos Estados Unidos. Apenas seis meses depois, o Facebook superou o Myspace nos EUA, e a participação de mercado da empresa caiu para apenas 30% até o final de 2009. Hoje, o Myspace se tornou quase totalmente irrelevante.

Em novembro de 2008, a revista *Forbes* fez uma grande história sobre a fabricante de telefones celulares Nokia. A manchete da matéria de capa dizia “Um Bilhão de Clientes – Alguém Pode Alcançar o Rei do Celular?” Após ser consistentemente o maior fabricante de telefones celulares do mundo de 1998 a 2011, a Nokia foi ultrapassada pela Samsung no primeiro trimestre de 2012, já que a empresa sul-coreana teve uma participação estimada de 25,4% no mercado. A Nokia ainda representava uma porcentagem respeitável de 22,5% do mercado e a Apple tinha 9,5%. No entanto, a participação da Nokia caiu mais de um terço desde 2008. Surpreendentemente, a Nokia desenvolveu o primeiro *smartphone* do mundo na década de 1990, mas não apreciou a importância dos aplicativos para os usuários de telefones celulares até que fosse tarde demais. Em 2013, a Microsoft comprou a divisão de telefones celulares da Nokia, que, na época, tinha uma participação de mercado global de apenas 3%.

Outro exemplo é a Xerox, que inventou a primeira fotocopiadora em 1960 e dominou o mercado em 1970 com uma participação de mercado de quase 100%. Assim como as pessoas hoje dizem “Vou pesquisar no Google” quando pesquisam na internet, as pessoas naquela época se referiam a “Xeroxing” sempre que fotocopiavam algo. Em 1973, a Xerox foi acusada de violar as leis antitruste e uma longa batalha legal se seguiu; mas, naquela

época – mais do que hoje -, o problema foi resolvido pelo mercado, já que empresas como IBM, Eastman-Kodak, Canon, Minolta, Ricoh e outras lançaram fotocopiadoras menores e mais baratas. Esses concorrentes desenvolveram máquinas que usavam toner líquido de baixa manutenção e foram construídas com peças baratas e padronizadas. Elas foram vendidas através de lojas comuns de material de escritório, em vez de serem vendidas através de uma rede proprietária cara. De repente, os japoneses estavam vendendo copiadoras de baixo custo a preços abaixo do custo de fabricação das máquinas da Xerox, enquanto a Xerox queria continuar ganhando dinheiro com o volume de cópias como uma assinatura confiável, como sempre fez. Hoje, a Xerox está presa em menos de 2% do mercado global de fotocopiadoras.

Em 1976, a Kodak detinha mais de 90% do mercado de filmes dos EUA e 85% do mercado de câmeras dos EUA. A Kodak subestimou totalmente a mudança para câmeras digitais, antes que o mercado evoluísse novamente para ser dominado por câmeras de *smartphones* de alta especificação. Em 2012, a empresa entrou com pedido de falência e mais tarde tentou a sorte com outros modelos de negócios.

Concorrência e monopólio não são opostos absolutos, mas são uma contradição dialética: a concorrência cria monopólio, porque o melhor produto prevalece. Os altos lucros do monopólio atraem novos concorrentes, que gradualmente destroem o monopólio, mas em um certo ponto podem se tornar temporariamente um monopólio, apenas para serem destruídos novamente por seus concorrentes. É apenas no caso de monopólios públicos que isso não pode acontecer, já que o poder do governo impede que ele esteja sujeito à concorrência.

Os monopólios que não são monopólios públicos normalmente desaparecerão mais cedo ou mais tarde porque os monopolistas se tornam excessivamente burocráticos à medida que crescem; eles estão sujeitos a pressões competitivas mínimas e sua mentalidade se torna cada vez mais parecida com a das empresas de propriedade do governo.



Faça uma doação para o Instituto Liberal. Realize um PIX com o valor que desejar. Você poderá copiar a chave PIX ou escanear o QR Code abaixo: